

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
FL/FPCE-UP – 19 A 22 DE JULHO DE 2012
NA FESTA DE SÃO LOURENÇO:
APONTAMENTOS PARA UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA DO TEATRO JESUÍTICO DE JOSÉ DE ANCHIETA

MONTENEGRO, Wagner; BRITO, Ailton
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
wagnermontt@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma reflexão teórica, sob a égide dos estudos sociofilosóficos, da peça “Na festa de São Lourenço” de José de Anchieta. Busca-se compreender como o teatro de Anchieta pode ser considerado um embrião para o que, mais tarde, no século XIX, se tornaria o desenvolvimento da identidade nacional no teatro brasileiro e, como o teatro era utilizado para fins catequéticos, como dispositivo, nos termos agambianos, de mudança cultural. Entende-se que o teatro serviu como base de um processo maior: a mudança dos códigos culturais de uma sociedade. E, para cumprir com louvor esse objetivo, na arte dramática, assim como na poesia, a linguagem foi utilizada como arma principal, talvez por oferecer maior ludicidade, o que, provavelmente, evitaria resistências por parte do espectador.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

No processo de construção da investigação, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre a problemática estudada, a fim de identificar como a literatura aborda os temas relacionados ao teatro jesuítico e à formação da identidade nacional no teatro brasileiro. A análise do texto *per se* segue o rumo do contexto histórico e cronológico que aparece “Na festa de São Lourenço”. Trata-se de analisar primeiramente a situação política, histórica e social à qual o autor se insere no momento em que surge a obra. Assim, posteriormente, parte-se para a compreensão das personagens e das representações que tinham sobre os povos para quem Anchieta encenou a peça e, por fim, reflete-se sobre a tentativa embrionária de atribuir um ideal identitário aos que habitavam a colônia.

DISCUSSÃO

Nas bases de nossos esforços em aproximar o teatro à ideia de dispositivo está a tese de Giorgio Agamben, filósofo italiano, para quem o mundo pode ser dividido em duas esferas, os seres vivos e os dispositivos. Consoante Agamben (2009: 40), os dispositivos são “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Nestes aspectos, o teatro, como instituição, cumpre as exigências do conceito agambiano e, assim sendo, podemos dizer que o teatro sustenta em si relações de poder que podem ser cristalizadas no momento da encenação que denuncia quem tem a informação do que acontecerá, quem tem o domínio dos fatos, quem tem a atenção para si, quem molda o comportamento do outro e, portanto, quem tem o poder. Assim, o Teatro Jesuítico claramente pode ser caracterizado como um dispositivo que nutria fortes interesses em proporcionar a mudança cultural nos índios brasileiros em que fixaram relações.

O filósofo revela como os dispositivos atuam no processo denominado por ele de subjetivação, ou seja, a produção do próprio sujeito que se dá na interação com os dispositivos, que, neste processo, condiciona a formação de uma nova subjetividade. Em outras palavras, o sujeito, quando em interação com um dispositivo, acaba por assumir uma nova configuração de sujeito em detrimento de outra.

O teatro foi um instrumento fortemente utilizado pelos jesuítas nesse processo de mudança. Por mais violenta e catastrófica que tenha sido a intervenção dos jesuítas na comunidade indígena, conseguindo destruir os laços que mantinham a solidariedade nessa sociedade nativa, houve uma espécie de mascaramento, de leveza na introdução de novos valores, cristãos, europeus, por intermédio da ludicidade propiciada pelo teatro.

Anchieta, em seu texto Na festa de São Lourenço, utiliza do aparato cultural dos próprios indígenas – seus ritos, seu idioma, seus costumes, a referência geográfica e personagens conhecidos pelos índios para ressignificá-los, dando um novo tom europeu e cristão.

Para além desses argumentos, ressaltamos que o teatro no Brasil tem início com os jesuítas. Em um primeiro momento, é possível afirmar que aquele teatro era, na verdade, um reflexo mimético do teatro português. Entretanto, pode-se perceber a existência de um embrião daquilo que, mais tarde, no século XIX, constituirá a expressão ou a busca da identidade nacional no teatro brasileiro, como delineia Décio de Almeida Prado em seu livro *Teatro de Anchieta a Alencar*. Devemos considerar que Anchieta introduz aspectos locais em seu texto, o que faz com que haja adaptações importantes para dar características mais identitárias e pessoais às suas peças. No texto estudado, estão presentes muitas referências às roupas, aos costumes, ao lugar. O que nos dá a ideia de que havia uma preocupação de aproximar a trama aos códigos entendidos pelos índios. Isso nos faz acreditar no desejo de se construir uma identidade nacional, o ser cristão, indígena, jesuíta, não-pagão, pode representar um aspecto deste movimento.

CONCLUSÃO

O Teatro Jesuítico constituiu-se como base fundamental no processo de formação da cultura brasileira. Foi por meio das contribuições dos jesuítas, desastrosas por excelência, que os valores cristãos ganharam força e invadiram espaços nas comunidades nativas existentes no período. O teatro se mostrou forte aliado e arma poderosa neste processo que chamamos de dessubjetivação e subjetivação, alicerçado no pensamento de Agamben (2009). O que significa dizer que o teatro foi um dispositivo capaz de produzir um novo sujeito, naquele caso, o sujeito europeizado à brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. (2009). O que é um dispositivo. In: _____. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos.

ANCHIETA, Joseph. (1977) *Teatro de Anchieta: obras completas*. v. 3. São Paulo: Loyola.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. (1992). São Paulo: Companhia das letras.

LARAIA, Roque de Barros. (2001) *Cultura: um conceito antropológico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PRADO, Décio de Almeida. (1993) *Teatro de Anchieta a Alencar*. São Paulo: Perspectiva.

VITORINO, Miquéas dos Santos; MARTINS, Tarcizo. *A originalidade dos autos anchietanos*. XI Encontro de Iniciação à Docência. UFPB-PRG

